

5

ESEG investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

n.º5 | 1.º semestre | 2008

*Edição especial 20 anos
Volume II*

ESEG INVESTIGAÇÃO

**Revista Científica
da
Escola Superior de Educação da Guarda**

N.º 5 | 1º Semestre | 2008

Título: ESEG Investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

Edição Especial, Volume II

Coordenação Editorial: Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Coordenador Científico: Júlio Pinheiro

Comissão Científica: Professores Coordenadores e Doutores da ESEG

Edição: Escola Superior de Educação da Guarda

Capa: Humberto Pinto

Coordenação Gráfica: Maria de Fátima Bartolomeu da Cruz Gonçalves

Colaboração: Jandira Medina

Tipografia: Marques & Pereira (Guarda)

Depósito Legal: 220917/04

ISSN: 1646-1193

Tiragem: 2000 exemplares

1ª Edição: 1º Semestre | 2008

Escola Superior de Educação da Guarda

Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, n.º 50 • 6300-559 Guarda • Telefone: 271 220 135 • Fax: 271 222 325 • www.eseg.pg.pt

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores e são apresentados exactamente como foram entregues na redacção.

Reservados todos os direitos. Esta publicação, não pode ser reproduzida ou transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo, electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem autorização do Editor.

Concentração dos media em Portugal: o caso da imprensa <i>Paulo Faustino</i>	7
Processo de gestão da mudança organizacional <i>Diogo Chouzal do Nascimento</i>	53
¿Aumento de las sanciones o de las probabilidades de aplicación de ley? <i>Arlindo Donário</i>	67
R4DX - Rapid Development of Web Applications in XML <i>José Paulo Leal & Jorge Brax Gonçalves</i>	103
Mousinho de Albuquerque e o aprisionamento do Gungunhana em Chaimite <i>José Luís Lima Garcia</i>	117
A obra do Padre Pedro Aloy (1882). Sua importância na Pedagogia e na História de Educação Física <i>Nuno Serra</i>	133
Os Salmos na música do Padre Bernardo Terreiro <i>Pinharanda Gomes</i>	149
Do Musical - Produtos da agitação criativa em Portugal a partir de meados do século XX <i>Helena & Rosário Santana</i>	159
Sexualidade Infantil e Educação Sexual Pré-Escolar <i>Filomena Velho</i>	201

Sexualidade Infantil e Educação Sexual Pré-Escolar

Filomena Velho

“Na nossa sociedade a educação sexual e a sexualidade ainda são um forte tabu. Com demasiada facilidade se associam as mesmas ao incentivo das precoces e interditas relações sexuais. Temos ainda dificuldade em falar e expressar de diferentes formas as questões relacionadas com os nossos afectos, com os nossos sentimentos e sobretudo com o nosso corpo. Os afectos são segredos, os sentimentos para guardar e o corpo é considerado como uma embalagem e como a apresentação da pessoa e não como um meio e instrumento de comunicação” (Marques *et al*, 2002, p.5).

Por vezes os educadores prolongam os tabus associados à sexualidade e defendem-se, afirmando-se disponíveis para responderem às questões das crianças, esquecendo-se no entanto que elas nem sempre perguntam verbalmente, mas antes com sorrisos, piadas, troca de olhares, inibições e nós temos dificuldade em parar para olhar, escutar e responder.

Temos que adquirir a capacidade de reflectir e comunicar. A educação para a sexualidade pressupõe uma disposição permanente para o diálogo.

A educação sexual é em primeiro lugar um direito das crianças, dos jovens, dos adultos e das famílias: direito a terem acesso a informações adequadas e o direito a viverem a sua sexualidade de forma saudável e gratificante. Deve ser assim um conjunto de actividades que ajude as pessoas a encarar a sexualidade como uma componente positiva do seu corpo, das suas vidas, das relações que estabelecem bem como a escolherem os seus caminhos de uma forma informada e consciente.

A educação sexual na infância tal como nas outras faixas não se pode fazer só com informação. A este respeito *Amor Pan, 1997, p.306* afirma que tem de

“apoiar-se numa concepção ampla (...) que faça justiça ao ser humano na sua globalidade entendida em termos de relação”.

Na opinião de Lopez, F. ; Fuertes, A. (1999) a sexualidade precisa de ser integrada num conceito holístico já que é multi-dimensional e multi-determinada. Ela engloba as dimensões biológica, psico afectiva, sócio cultural, relacional e ética ligadas e dependentes entre si.

A educação sexual é um processo contínuo desde o nascimento e como tal deve acompanhar todo o percurso pré-escolar e escolar das crianças, respeitando as suas necessidades e estádios de desenvolvimento. É na pré-escola com a atitude dos educadores que é possível promover uma relação positiva com o corpo, afectos e emoções.

Se até em 1992 havia muita indefinição sobre o que era e como poderia ser integrada a educação sexual nas escolas, hoje a situação está mais clara. Quer o enquadramento legal quer as linhas orientadoras foram objecto de clarificação e de documentos legais e técnicos. Importa também referir que na sociedade portuguesa existe uma atitude bastante favorável à educação sexual escolar.

Tal só foi possível com uma mudança de atitude face à sexualidade infantil, que era praticamente inexistente pelos mitos que a ela se associavam. Actualmente considera-se que a sexualidade infantil tem características específicas que a situam num espaço muito próprio.

Marques, (1992) nos seus estudos acerca da origem dos “saberes” sexuais revelados pelas crianças, considera viável que não tenham origem directa nas explicações que algum adulto lhes tenha disponibilizado. Considera antes que tais “saberes” advêm da observação e reelaboração de vivências quotidianas. De

facto todas as vivências no quadro geral da socialização, através de regras ditadas ou mensagens implícitas transmitidas por adultos, sinalizam o que do ponto de vista destes deve ser permitido ou não, bem como o que por eles é considerado positivo ou negativo (Lopez e Fuertes, 1999).

Os programas de educação sexual não podem ser rígidos e a sexualidade na infância pode ser aprendida formal ou informalmente, sendo a intencionalidade que as distingue.

A nível formal pensamos ser importante a colaboração e cooperação de vários intervenientes neste processo: pais, educadores, auxiliares de acção educativa e conexão com outros centros com objectivos comuns e com outros serviços comunitários e assistenciais. Sem dúvida que resultará daqui uma acção mais total e enriquecedora, porque abrangente, de toda a comunidade educativa (Soler, N. 2003).

Nas aprendizagens informais é forçoso sublinhar a importância das figuras de apego (no modo como se relacionam entre si e com a criança), dos meios de comunicação social e dos amigos.

A generalização das experiências relacionais das crianças pequenas (0 a 2 anos) com as figuras de apego é fundamental. Elas vão ser utilizadas noutras relações sociais que impliquem afectos e formas de comunicação íntimas (amizade, namoro e relações sexuais).

Na família, mesmo no não dito, a informação acontece. O mesmo se passa com os educadores de infância já que as crianças aprendem também com o que o educador faz, pois traduz aquilo em que pensa e o que é. Referimo-nos ao poder do currículo oculto bem como ao poder da escola sem muros. “ O que façamos

ou deixemos de fazer influirá na conformação da sexualidade das crianças. Somos os seus modelos, as suas referências, os exemplos a imitar. Um papel que há que assumir (Cerde, R. 2001, p.41).

O desenvolvimento da sexualidade infantil (2 a 4 anos) coincide com o controlo dos esfíncteres e é fortemente normativa da parte da família e meio social transmitindo à criança um conjunto de normas relativas certas “partes do corpo” bem como ao prazer associado a essas zonas.

Depois de conhecer o seu corpo, o que normalmente coincide com a capacidade de controlo dos esfíncteres, a criança no campo da sexualidade fixa-se em conhecer o corpo dos outros e os prazeres que este outro lhe pode oferecer.

Nesta fase as crianças ainda não interiorizaram a moral sexual dos adultos. Mostram o seu corpo e encaram o dos outros de forma espontânea e natural. As atitudes dos adultos nesta fase definem a continuidade ou não desta naturalidade.

Neste processo de descoberta a criança mostra-se curiosa face ao corpo da mãe e do pai, curiosidade que se estende às diferenças anatómicas existentes entre os dois sexos. É a fase dos porquês que inicia a socialização básica infantil. “A partir dos 3 anos as crianças são muito curiosas. Quando insistem não o fazem por teimosia, mas porque têm pouca memória intelectual. É necessário responder sempre com a verdade. Mentir só cria desconfiança (Cerde, R. 2001).

Com a ida para a pré-escola a criança inicia o seu relacionamento interpessoal com outras crianças da mesma idade. A interacção entre grupos mistos é agora essencial ao seu desenvolvimento afectivo.

O processo de construção de identidade sexual na infância é o tema central desta fase.

O self é uma teoria de identidade que o indivíduo constrói acerca de si mesmo através da sua experiência, especialmente através da interação com as pessoas (Félix e Fuertes, 1998).

É o conjunto de características, atributos, qualidades e deficiências, capacidades, valores ... que a pessoa recebe como descritivos de si própria. O auto-conceito (como me vejo) é um componente mental, a auto-estima (como me valoro), um componente valorativo e a auto-aceitação (como me sinto comigo próprio) um componente emocional. Estes três componentes influenciam-se e são inter-dependentes. É a nossa identidade que mantém a nossa consistência interna e que, ao proporcionar-nos referências para interpretar a experiência, determina as nossas expectativas e condiciona a nossa conduta. O mecanismo de construção da identidade forma-se ao longo do ciclo vital.

A infância é determinante na sua estruturação: no início, global e fundamentalmente, através de características físicas e depois pela incorporação de características psíquicas e sociais, possibilitando descrições de si próprio em áreas e dimensões distintas (identidade social, sexual, ...).

A cultura e sociedade, a família, a escola, o grupo de pares e a experiência pessoal de cada um são factores que influenciam a sua formação. O auto-conhecimento e a auto-estima (geral, física, social, académica, sexual) são mecanismos reguladores da nossa identidade.

Erickson, citado por Badinter (1993) afirma que a aquisição de identidade seja social ou psicológica é um processo complexo que se manifesta por uma relação de inclusão e uma relação de exclusão, isto é semelhança com uns e diferença com outros.

A identidade sexual (como me vejo/como me valoro/como me sinto como pessoa sexuada) é um dos componentes básicos da identidade porque somos bio psico socialmente sexuados.

Os elementos fundamentais da identidade sexual são: imagem corporal, identidade sexual, identidade de género, orientação do desejo sexual, história sexual e auto-estima sexual. Atendendo, no entanto, à especificidade da faixa etária em que nos centramos (3 – 6 anos) vamos considerar apenas as três primeiras.

A **identidade sexual** é um juízo de auto-classificação – sou homem/sou mulher - baseado nas características biológicas: genitais e figura corporal.

A **identidade de género** é um juízo de auto-classificação como homem ou como mulher baseado naqueles aspectos que ao longo da história da espécie foram conformando culturalmente o homem e a mulher. Os seus conteúdos são condicionais e variáveis. Inclui todo o conjunto de normas sociais, atitudes e comportamentos para o homem e para a mulher.

A identidade sexual e de género são categorias permanentes do self.

As crianças pequenas e médias não distinguem entre identidade sexual e de género. “De facto as crianças, durante anos auto-classificam-se e classificam os outros através das características de papel de género, sem ter em conta as características biológicas que definem a sua identidade sexual” (Félix, 1988, p.50).

As crianças de idade pré-escolar, não distinguem entre os elementos determinantes da identidade sexual (diferenças biológicas) e os conteúdos de identidade de género (modelos culturais). Mais ainda, se houver contradição

entre ambas, dão prioridade às características de género.

Na opinião de Lopez, F. (1998), é possível que isto aconteça pelo ocultamento do nu corporal, próprio da nossa cultura e pela importância enorme que damos às características de género como elementos diferenciadores entre os sexos.

A criança até ao ano e meio reconhece que há dois tipos de vestuário, actividades, brinquedos, etc. Entre os 2 e os 3 anos auto-classifica-se dentro de um destes dois tipos (eu sou como ...). A partir dos 3 anos usa este rótulo para definir as suas preferências, actividades, etc. Até aos 4/5 anos as crianças admitem facilmente que a sua identidade pode mudar se assim o desejarem especialmente quando forem maiores. Entre os 5/6 anos 80% das crianças adquirem um certo grau de constância mas custa-lhes manter a sua crença de conservação de identidade se lhes for feita uma sugestão contrária. Só por volta dos 6/7 anos resistem à pressão da sugestão contrária, mantendo-se firmes na afirmação de que serão rapazes/raparigas toda a vida (Félix, 1998). Fernando Barragán Medero no seu livro *La Educacion Sexual*, relata excelentes exemplos dos estudos que realizou, com crianças, sobre esta temática.

Só quando fizerem depender a identidade das diferenças anatómicas básicas – que é o verdadeiramente estável – e relativizarem a dependência de características superficiais facilmente mudáveis e das actividades moldadas socialmente se pode considerar o processo terminado.

A identidade sexual não é algo com que a criança nasce, vai-se formando. Assim é uma construção não apenas a nível biológico mas também a nível psicológico e social.

Este processo de identidade sexual versus papéis sexuais inicia-se na infância e prolonga-se até ao fim da adolescência.

É consensual entre os especialistas que a infância influencia o desenvolvimento psico-sexual da adolescência de forma determinante.

A aquisição de uma identidade sexual harmoniosa e de papéis de género igualitários favorece as condições para que cada indivíduo resolva bem as suas necessidades de contacto e vinculação ao longo da vida (Félix, L. 2005).

Fica assim claro que a imagem do corpo e a construção da identidade sexual são mecanismos marcantes e determinantes na vivência da sexualidade.

A educação sexual na pré-escola pode ajudar as crianças a reconhecerem-se como seres sexuados e a estimar a sua própria identidade sexual. Pode ajudar a detectar problemas de identidade e contribuir educativamente para a canalização de respostas adequadas a estes problemas (Félix, L. 2005).

Não temos dúvidas de que a educação sexual na pré-escola permite criar um terreno cultural favorável a novas e mais aprofundadas informações.

Os temas de educação sexual na pré-escola agrupam-se em quatro grandes áreas (APF 2000): conhecimento e valorização do corpo; identidade sexual; relações interpessoais e reprodução humana.

É importante identificar as áreas de interesse das crianças. Estas áreas temáticas operacionalizam-se num conjunto de objectivos para a pré-escola que procuram cobrir as esferas do conhecimento/informação e do desenvolvimento de valores e atitudes positivas face à sexualidade bem como de competências promotoras da responsabilidade e bem-estar.

“Quando se toma em mãos a tarefa de educar, há que ter em conta a importância da promoção de valores fundamentais também em educação sexual” (Pereira, M. 2001, p.11).

A educação para a sexualidade está muito relacionada com atitudes e valores. Entre muitos outros é importante enunciar neste contexto a igualdade entre os sexos, a sinceridade, o prazer, ternura, comunicação, partilha de afectos e partilha de responsabilidades (Félix, L. 2005).

É importante ajudar as crianças a identificar os valores da família, das pessoas que as rodeiam e a clarificar os seus próprios valores.

Assim, torna-se fundamental educar para a paz, para a solidariedade/tolerância/sinceridade, para a liberdade, para a autonomia, para a verdade, para o amor, para a resolução de conflitos, para a prevenção de agressões físicas e emocionais.

Conseguiremos assim que as crianças adquiram, nas suas vidas conhecimentos face à ignorância, habilidades inter-pessoais face à agressividade, condescendência face ao bloqueio nas relações, comunicação face a silêncio, aceitação positiva da sexualidade face a rejeição ou medo, desenvolvimento óptimo face a despreocupação ou negligência, educação, respeito e ética face à falta de limites, ou egocentrismo ou à agressão (Lopez, F. 2005).

Bibliografía

- Barragan, F. (1991). *La Educación Sexual-Guia Teórica y Practica*. Barcelona: Paidós.
- Bowlby, J. (1969). *L'Attachement*. Paris: PUF.
- Colectivo Harimaguada. (1994). *Educación afectivo-sexual en la etapa infantil: guía didáctica del profesorado*. Canarias, Gobierno, Consejería de Educación, Cultura y Deportes. Dirección General de Ordenación e Innovación Educativa.
- Lopez, F. (2005). *La Educación Sexual*. Madrid. Biblioteca Nueva.
- Marques, A.M. et al (2002). *Os Afectos e a Sexualidade na Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Texto Editora.
- Meredith, P. (1989). *The Other Curriculum*. Londres: IPPF.
- Piaget, J. (1978). *Seis Estudos de Psicologia*. Lisboa: Edições ÁTICA.
- Went, D. (1985). *Sex Education –some guidelines for teachers*. Londres: Ed. Bell & Hyman.
- Soler, N. (2003). *Curso de Educación Afectivo-Sexual*. Libro de teoría. Coruña: Netbiblo.